

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OS PEQUENOS GRANDES MUNDOS DE NICOLAS PHILIBERT
6 e 21 de Novembro de 2023

LA MOINDRE DES CHOSES / 1996

um filme de Nicolas Philibert

Realização: Nicolas Philibert. Fotografia: Nicolas Philibert, Katell Djian. Som e Misturas: Julien Cloquet. Sincronismo: Dominique Chamberlain. Montagem: Nicolas Philibert, Julietta Roulet. Assistente de realização: Valéry Gaillard. Música original: André Giroud.

Produção: Les Films d'Ici, la Sept Cinéma, com a participação de Canal+, Centre National de la Cinématographie (França, 1996). Cópia: ficheiro digital, cor, 104 minutos, com legendas electrónicas em português. Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca: 25 de Novembro de 2000 ("Novíssimo Cinema Francês").

com a presença de Nicolas Philibert na sessão de dia 6

Nicolas Philibert filmou os pacientes da clínica psiquiátrica de La Borde, no vale francês do Loire, no Verão de 1995, durante a preparação e ensaios de uma peça de teatro, anualmente representada na clínica como medida terapêutica e, também, sobretudo neste caso, espaço de exorcismo. A peça escolhida esse ano, por uma das médicas da instituição, Marie Leydier, é *Opérette*, de Witold Gombrowicz e a ela se dedicam os habitantes de La Borde, do texto e música à caracterização e trajes finais como figuras burguesas a escarnecer das convenções sociais. Que o texto de Gombrowicz reflecta questões decorrentes de uma anormalidade da ordem normal das coisas ultrapassa em muito o exercício de estilo, e captado por Nicolas Philibert afirma-se como um singular olhar sobre aqueles cuja razão escapa aos parâmetros considerados regulares. Aliás, mais do que um filme de palavras, *La Moindre des choses* é um filme de silêncios.

Fixando um momento de excepção da vida na clínica, a perspectiva do filme não escolhe a realidade institucional ou um eventual ensaio sobre a loucura. Antes se detém nesses momentos precisos e concretos da preparação do espectáculo. Nem o funcionamento da instituição, nem o quotidiano dos pacientes e do pessoal hospitalar ou as histórias e motivações de uns e de outros. *La Moindre des choses* refere os ensaios, o ambiente vivido ao redor, nele se inscrevendo os gestos quotidianos dos habitantes da clínica. O procedimento não é nem pedagógico nem complacente, mas cúmplice e talvez por isso o realizador referisse *La Moindre des choses* não como um filme *sobre* La Borde, mas *graças* a La Borde. Certamente por isso, os planos recorrentes das copas verdes das árvores do jardim agitando-se ao vento vêm intercalar-se com os rostos tristes ou sorridentes dos habitantes da clínica num procedimento profundamente melancólico e solitário. E provavelmente pela mesma razão, mesmo quando interpelados directamente, o que acontece em alguns casos, os habitantes de La Borde são captados sem iludir – ou sublinhar – a distância que separa a lentidão dos gestos e um autismo relativamente a quem os interpela.

O filme constrói-se como uma narrativa: de tarefa em tarefa vão-se acompanhando os dias da preparação do espectáculo. Além dos ensaios, da memorização dos papéis e da entrada na pele das personagens a interpretar, assiste-se à tomada de medicamentos, aos preparativos de refeições, à higiene diária, aos longos passeios pelo jardim. Os momentos mais perturbadores não podem deixar de ser aqueles em que a condição da diferença é realçada, mas sem sobressaltos ou mudança de ritmo, por exemplo, os planos em que é cortada a barba a um homem impaciente em frente ao espelho, a pose e o desenho entre duas pacientes, ou, sobretudo, aquele, fixo e silencioso, em que Michel descobre a cara depois dos longos momentos em que a

tapa com uma máscara africana olhando fixamente a câmara sem alterar a expressão. A eloquência dispensa as palavras que no fim serão pronunciadas, com dedo apontado ao espectador, sem que fiquem acusações.

A *loucura* não é encenada, os *loucos* não são analisados. O filme de Nicolas Philibert entende-se com eles e eles entendem-se com a câmara (com a qual, de resto, parecem estar à vontade), tirando partido da excepção proporcionada pela pausa, o tempo de preparação de um espectáculo que o filme aproveita para se construir como uma história. Realizado em linha com títulos anteriores de Philibert, como *Le Pays des sourds* (1992), *La Moindre des choses* encontra no recente *Sur L'Adamant* (2023, que abriu a retrospectiva e terá estreia no circuito da distribuição portuguesa) um par privilegiado, que por sua vez prolonga de certo modo *De chaque instant* (2018), filmado ao longo de três anos numa escola de enfermagem em Paris. Igualmente parisiense, *Sur L'Adamant* é um filme concentrado num espaço habitado por pessoas adultas diagnosticadas com necessidades psiquiátricas e pela equipa clínica que as acompanha nesse especialíssimo centro de dia flutuante situado numa doca do rio Sena, no centro da cidade, em que se discutem filmes, um cineclube chamado Travelling, movimentos de dança, uma coreografia terapêutica. Adamant, o nome do barco-centro de dia surge, como *La moindre des choses*, como um palco cujos actores vivem no apuro de uma sensibilidade que encontra resposta à medida no filme de Nicolas Philibert. Como em *La Moindre des choses*.

Maria João Madeira